

Em Defesa das Humanidades

AFRÂNIO COUTINHO

Há uma tendência em diversas partes do mundo no sentido de recolocar no ensino médio e superior as disciplinas que têm por objetivo "formar" o espírito do educando, e não apenas informar. É a velha noção das humanidades, ou do ensino humanístico, que retorna após anos de arcos de predomínio da idéia da profissionalização e da especialização precoce. O homem médio necessita, antes de tudo, possuir uma cabeça bem-formada graças à absorção de certas disciplinas fundamentais e de natureza geral. Desta maneira, estará apto a depois especializar-se, bem preparado que está, pois o seu cérebro está amanhã pelo trabalho disciplinador das humanidades. Era assim a antiga educação liberal, que fornecia ao homem o instrumento indispensável ao bom funcionamento cerebral. O homem assim treinado aprendia a pensar, a raciocinar, antes de saber coisas. Era um homem culto, mesmo quando não se especializava numa profissão, ou numa parte de qualquer profissão.

Esse tipo de educação já existia no Brasil, antes que fosse implantada a mania da especialização, e da moda da profissionalização. O nosso ensino médio, antes da esdrúxula profissionalização, quando vigorava o sistema do ginasial e colegial, este dividido em clássico e científico, exercia tal papel. O alunado recebia um tratamento geral, humanista, antes de optar por uma profissão. Consistiu isso num determinado grupo de disciplinas que visavam a formar o espírito do jovem, de modo que ao dele sair levava para o nível seguinte uma cabeça povoada de noções básicas, preparatórias para a aquisição de preparo científico ou clássico da especialidade de sua escolha.

Mesmo antes, a concepção educacional

que dominava era de inspiração humanística, herdada do ensino dos jesuítas, baseado na velha e fecunda escolástica. Que eram o trivium e o quadrivium senão um corpo de matérias que do aprendizado linguístico e retórico conduzia o espírito para a música e a matemática.

O ensino primário, hoje de primeiro grau, está em meio à maior confusão, sem professores saídos de escolas normais e que só pesam em ascender ao médio por motivos financeiros. O de segundo grau, por sua vez, é mera passagem para o superior, absorvido pelos cursinhos, com um único objetivo — fazer passar no vestibular. E superior, com as universidades abertas a toda a gente, sem o devido preparo prévio, é um descabimento, do qual saem desempregados e incompetentes. Dessa massa, o País não pode sair melhor em nada. E é o que estamos testemunhando: um país sem classe dirigente à altura de suas necessidades, com preparo suficiente, com o gosto de progredir na especialidade, graças a uma educação constante depois do diploma obtido a troche-moche.

Por isso é que se vem advogando uma modificação geral que introduza a volta a uma estrutura humanística de base, a fim de que o educando seja capaz de pensar antes de conhecer, possa raciocinar antes de profissionalizar-se. A especialização precoce é um mal que, por exemplo, a medicina está atualmente reconhecendo: antes de especialista o médico deve ser generalista, isto é, receber uma formação geral que o capacite a ver organismo humano como um todo, antes de encarar-lo por suas partes.

Este é apenas um aspecto do que se reivindica no momento para o ensino: uma volta à formação geral, através das disciplinas humanísticas.